

Suzana Velasco

Costuma-se definir o movimento neoconcreto como uma ruptura de artistas do Rio de Janeiro com o concretismo paulista, em busca de uma subjetividade que se contrapõe à arte objetiva e industrial, no fim dos anos 50 e início dos 60. O curador e crítico de arte Luiz Camillo Osorio prefere pensar no movimento como o ápice da modernidade brasileira, que, com toda a sua singularidade, surgiu num contexto amplo. Com esse enfoque, ele montou a exposição "Das verlangen nach form — O desejo da forma", que será inaugurada hoje na Akademie der Künste (Academia das Artes), instituição de arte contemporânea de Berlim, com curadoria do alemão Robert Kudielka.

Cerca de 150 obras selecionadas

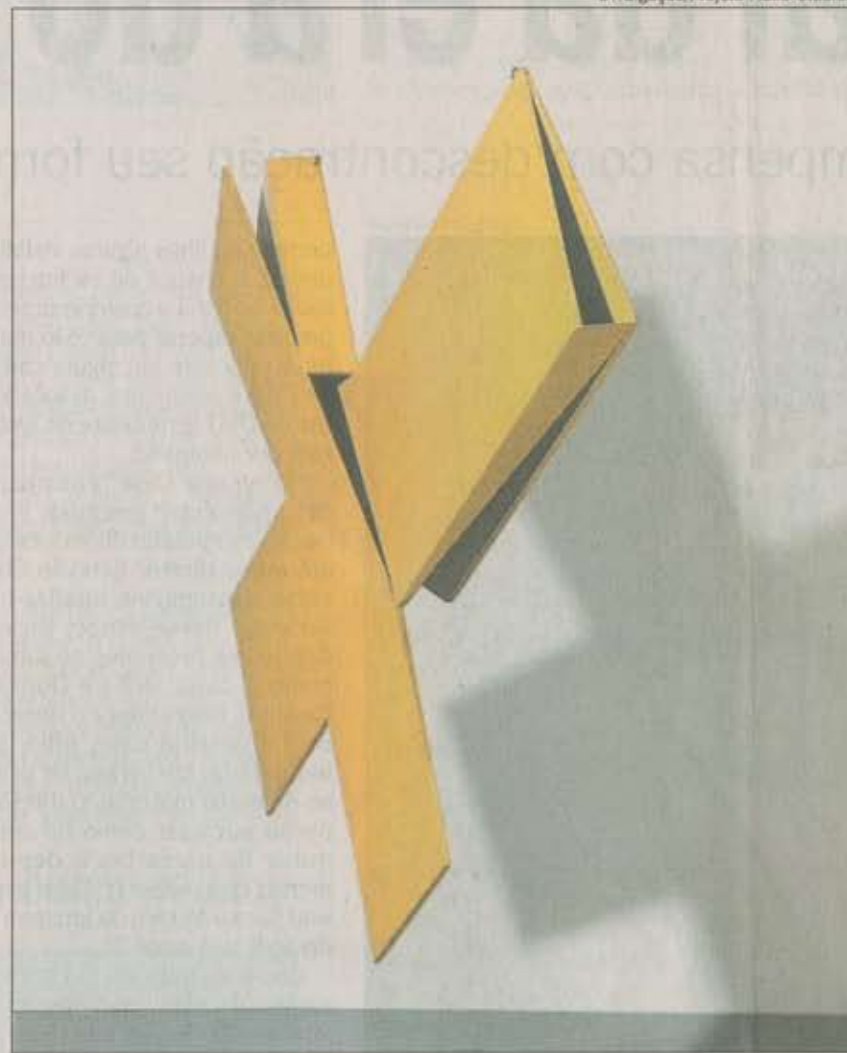
Em cerca de 150 obras, a mostra faz um percurso não só por Hélio Oiticica, Lygia Clark e Aluísio Carvão, entre outros neoconcretos, mas também por projetos de Oscar Niemeyer em Brasília e jardins de Burle Marx, frutos da mesma modernidade vigente. A exposição reúne ainda artistas brasileiros contemporâneos influenciados pela tradição construtiva, como Waltercio Caldas, Iole de Freitas, Carla Guagliardi e Carlos Bevilacqua.

— A ideia era mostrar o neoconcretismo como um movimento que representou uma certa maturidade do nosso modernismo, que está inserido numa discussão muito maior da modernidade brasileira. Quis pensá-lo não como ruptura, mas como singularização da arte construtiva — diz Luiz Camillo.

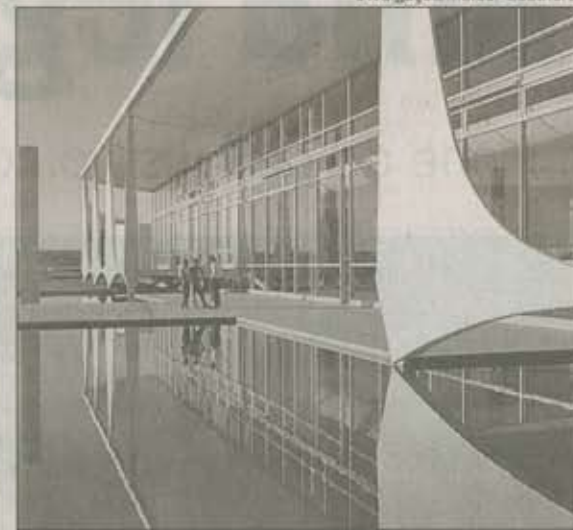
O núcleo histórico da exposição se estende de 1954 — quando Lygia Clark leva a obra para o espaço por meio de sua "linha orgânica", formada pela união de planos — a 1964, ano em que Oiticica cria seus primeiros parangolés e o golpe militar instaura um novo contexto, propício à arte política. Oiticica ain-

Marcas da tradição neoconcreta

Exposição em Berlim situa o movimento na modernidade brasileira e mostra suas influências na arte de hoje



Divulgação/Projeto Hélio Oiticica



Divulgação/Marcel Gautherot



Divulgação/Vicente de Mello

À ESQUERDA, relevo espacial de Hélio Oiticica; acima, foto de Brasília feita por Marcel Gautherot; e obra de Carla Guagliardi; à mostra na cidade alemã

Palatnik; o vídeo "Balé neoconcreto", de Lygia Pape e Reynaldo Jardim; um "Bicho", de Lygia Clark; um relevo de Hércules Barsotti; e uma escultura de Franz Weissmann, situada ao lado de projetos de Brasília. Há ainda documentação sobre o período e o curta "Pátio", de Glauber Rocha, cuja estrutura construtiva é destacada por Luiz Camillo Osorio. Ciclos de filmes e palestras completam a mostra.

Junto ao núcleo de Brasília, uma grande escultura de Iole de Freitas faz a ponte com as obras contemporâneas, algumas mais evidentemente influenciadas pelo neoconcretismo, como a de Carla Guagliardi, e outras com relação mais indireta, como a videoinstalação "Acidente", de Cao Guimarães e Pablo Lobato, que criaram uma espécie de poesia concreta com nomes de cidades de Minas Gerais. Foi de Kudielka, o curador da Akademie der Künste, a ideia de inserir artistas contemporâneos no projeto de Luiz Camillo.

— Normalmente não fazemos exposições históricas, porque acreditamos que esse é o papel dos museus. Por isso estendemos o projeto. A arte brasileira contemporânea tem muita visibilidade hoje no continente todo. É interessante mostrar as influências dos novos artistas e que há uma continuidade intelectual desde os anos 50, o que não exclui outras vertentes da arte — afirma o alemão, que já veio ao Brasil diversas vezes.

Para Luiz Camillo, a presença de contemporâneos é importante para revelar relações por vezes pouco exploradas na História da arte brasileira.

— Waltercio (Caldas) certa vez comentou que achava intrigante sempre vincular sua obra ao minimalismo. Só que Brasília foi sua grande influência, ele só foi conhecer o minimalismo quando sua poética já estava formada — conta. — É interessante ver como questão construtiva não é só História, ela se reinventa na produção contemporânea brasileira. ■

da está representado por metaesquemas e relevos espaciais, além do Projeto Cães de Caça, maquete de um labirinto com três saídas, formado por cinco penetráveis, e obras de dois importantes teóricos do movimento: "Poema enterrado", de Ferreira Gullar, e "Teatro integral", de Reynaldo Jardim.

— Hélio compara o projeto a um jardim. E nele há uma relação com o paisagismo de Burle

Marx nos anos 50, com a ideia de se percorrer a cor, como nos penetráveis — afirma.

Na relação do neoconcretismo com arquitetura moderna, a mostra exhibe, por exemplo, a obra "Construa você mesmo uma casa para viver", maquete de uma casa modulada com paredes móveis que, como conta o curador, Lygia Clark quis patentear mas não pôde, por não ser arquiteta. A artista também

criou um roteiro de um filme sobre Brasília, reproduzido no catálogo da mostra — que traz ainda um texto de Niemeyer sobre a relação entre a arquitetura e a linha orgânica de Lygia.

A exposição reúne outras peças-chave do neoconcretismo, como cinco "cromáticas", telas sem moldura de Aluísio Carvão, e seu "Cubocor", cubo todo coberto por pigmento vermelho; um cinemacromático de Abraham